

Cartas de amor: memória e cotidiano em duas cidades ribeirinhas

Maria de Fátima Oliveira*

Resumo: O objetivo desta comunicação é mostrar aspectos da cultura e do cotidiano em duas cidades situadas nas margens do rio Tocantins, a partir da análise da correspondência entre um casal de namorados. O acervo, em bom estado de conservação, é composto por 57 cartas e bilhetes, além de diversos telegramas. Essa correspondência foi escrita na década de 1940, por este jovem casal, enquanto ela residia na cidade de Carolina (MA) e ele, em Pedro Afonso (TO)¹. Os meios de comunicação utilizados pela população ribeirinha na época eram os barcos, tropas, aviões e o telégrafo. Devido à falta de estradas na região, o automóvel era pouco conhecido pelos ribeirinhos, enquanto se familiarizaram rapidamente com o constante tráfego de aviões.

Palavras-chave: Cidade - Memória - Cotidiano

Résumé: Le but de cette communication est de montrer les aspects de la culture et du quotidien dans deux villes situées au bord du rivièrè Tocantins, à partir de l'analyse de la corespondance de un couple. L'acerve, en bon état de conservation, est composé de 57 lettres et billets, et en plus de plusieurs télégrammes. Cette correspondance a été écrite dans les annés 1940 par ce jeune couple, alors qu'elle habitait à Carolina (MA) e lui à Pedro Afonso (TO). Les moyens de communication utilisés par la population riveraine à l'époque, étaient les bateaux, les troupes, les avions et le telegraphe. Vu le manque de routes dans la région, l'automobile était peu connue par les riverains, tandis qu'ils se sont familiarisés très vite avec le trafic constant d'avions.

Keywords: ville – mémoire – quotidien

Na busca por fontes sobre as cidades ribeirinhas do rio Tocantins para a pesquisa que ora desenvolvo², deparei-me com um rico material na cidade de Pedro Afonso, no Estado do Tocantins: trata-se da correspondência trocada entre um casal de namorados³. São lembranças que fazem parte de um passado datado em suas memórias, como o tempo de namoro entre a jovem estudante da cidade de Carolina (MA) e o jovem barqueiro, morador da cidade de Pedro Afonso (To)⁴. Cronologicamente, este passado situa-se na década de 1940, época do predomínio dos “motores” no rio Tocantins e dos aviões que cortavam o céu daquela

* Mestre em História. UEG/UFG

Antes da divisão do Estado de Goiás em 1988, a cidade de Pedro Afonso pertencia à região norte do Estado de Goiás.

² Pesquisa de doutoramento em História na UFG, intitulada, *Cidades ribeirinhas do rio Tocantins: identidades e fronteiras*.

³ Utilizo apenas a denominação de “o jovem” e “a jovem”, para preservar a identidade do casal. Ambos nasceram nos primeiros anos da década de 1920, sendo que ele já é falecido e ela ainda reside na cidade de Pedro Afonso, onde vive desde seu casamento em 1946.

⁴ A distância entre as duas cidades é de mais ou menos 300 km, sendo que Pedro Afonso está mais ao sul, no Estado do Tocantins e Carolina mais ao norte, no Maranhão.

região, que pouco conhecia sobre automóveis e rodovias. Em escala maior, este é o período marcado pela Segunda Guerra Mundial, da qual a população ribeirinha recebia notícias, mas não participava diretamente. Portanto, este acervo que é parte das lembranças de um passado vivido por eles, torna-se fonte histórica na medida em que fornece elementos importantes para compreender aspectos do cotidiano e da identidade da população ribeirinha das margens do rio Tocantins.

As duas cidades estão localizadas em uma região periférica do Brasil, que não participou diretamente da onda de progresso que atingiu o país no pós-guerra. Alguns dados da década de 1950 são úteis para se ter uma idéia da situação demográfica dos dois municípios em foco: enquanto o município de Carolina contava com uma população de 21.404 habitantes distribuídos por uma superfície de 10.237 km², Pedro Afonso possuía 5.700 km² e apenas 6.995 habitantes (IBGE, 1958).

O meio de comunicação para essas cidades era a navegação fluvial, ou pela utilização de tropas que transitavam por simples picadas. A década de 1930 representou um marco importante devido à chegada do transporte aéreo⁵ na região, pois fez com que os moradores se familiarizassem primeiro com o avião do que com o automóvel. Para se ter uma idéia da situação dessas cidades no período, o relato deixado por um médico que por lá passou é elucidativo. Segundo Júlio Paternostro, em 1935, a cidade de Carolina possuía 2.936 habitantes distribuídos em 704 casas, sendo dois sobrados, 393 construídas de tijolos e adobes e 307 palhoças. Enquanto que Pedro Afonso possuía 800 habitantes que residiam em 145 habitações, das quais 83 eram palhoças. Sobre a cidade de Carolina, essa mesma fonte afirma que, embora “seus habitantes consideram-na a “pérola” do Tocantins, envaidecidos pela existência de uma sociedade literária, onde se fazem discursos e tertúlias de saber acadêmico”, também como Pedro Afonso, “Não possui escolas técnicas, nem luz elétrica, nem serviço de águas e esgotos” (PATERNOSTRO, 1935; 156 e 189). Esses dados são importantes para se compreender melhor os diálogos citados ao longo do texto, pois os mesmos sugerem certa superioridade quantitativa e também qualitativa da cidade de Carolina em comparação com Pedro Afonso.

Ao entrar em contato com esta fonte, além de satisfazer uma curiosidade pessoal, percebi que muito do que eu buscava sobre a identidade ribeirinha poderia ser explicado por

⁵ A criação do Correio Aéreo Militar em 1931, que dez anos mais tarde passou a ser chamado de Correio Aéreo Nacional, o CAN, deu início à tarefa de implantação de campos de pouso pelo interior do Brasil. Essa medida veio atender o interesse da *Pan American Airways* em reduzir o tempo gasto por seus aviões cumprindo a rota Miami-Buenos Aires. Decorre daí o fato de que a antiga região norte de Goiás ter sido contemplada em primeiro lugar pelo transporte aéreo e só mais tarde com o rodoviário.

meio daquele diálogo íntimo e privado entre o casal de namorados. A historiadora Ângela de Castro Gomes ressalta que não é de se surpreender que,

...os pesquisadores sintam que trabalhar com cartas é algo fácil e agradável e, ao mesmo tempo, muito difícil e complexo. A correspondência é um tipo de documentação abundante e variadíssima, mas também fragmentada, dispersa e, muitas vezes, quase inacessível, pelas barreiras impostas pelos segredos (familiares, políticos, profissionais) e pela invasão de privacidade que seu exame pode acarretar (GOMES, 2004:21).

Importante lembrar que foram necessárias mudanças de concepção da história e de seu “fazer”, a partir da aceitação e prática da pesquisa histórica com a inserção de novos problemas, objetos e abordagens. Tais mudanças fizeram com que o valor de todo indivíduo passasse a ser reconhecido pela sociedade moderna, ao mesmo tempo em que ela,

...disponibilizou instrumentos que permitem o registro de sua identidade, como é o caso da difusão do saber ler, escrever e fotografar, abriu espaço para a legitimidade do desejo de registro da memória do homem “anônimo”, do indivíduo “comum”, cuja vida é composta por acontecimentos cotidianos, mas não menos fundamentais a partir da ótica da produção de si (GOMES, 2004:13).

A autora ressalta as especificidades do procedimento metodológico ao trabalhar com esse tipo de documento, chamando a atenção para algumas questões como: quem é o remetente e a quem se destinam as correspondências, em que condições foram escritas, o local onde foram encontradas, onde, como e porque estão guardadas, de quais assuntos elas tratam, o ritmo em que foram escritas e o volume das mesmas, o vocabulário e a linguagem utilizadas, dentre outras.

Seguindo o pensamento de Dauphin e Pouban (2002), Ângela Gomes reforça que, a maneira possível de trabalhar com as cartas pessoais como fonte é entendê-las como objeto cultural, que usa uma linguagem simples e despojada, próxima do verbal/oral. Mesmo assim, a autora alerta que, apesar desta forma de escrita de si, ser um discurso que mobiliza a sinceridade como valor de verdade, não pode ser vista como forma naturalizada e espontânea. Daí a necessidade de senso crítico e metodologia adequada ao utilizá-las como fonte, pois como qualquer outra fonte, ela é produto de um determinado meio e de uma determinada classe social.

Após essas considerações de ordem teórico-metodológica, passo a analisar o conteúdo das correspondências, tendo como objetivo primeiro dessa reflexão, entender aspectos da cultura e cotidiano na década de 1940, nas margens do rio Tocantins, mais precisamente nestas duas cidades ribeirinhas.

Portanto, este acervo que é composto por 57 cartas e bilhetes, além de diversos telegramas, foi escrito entre os anos de 1943 e 1946 e encontra-se em bom estado de conservação na cidade de Pedro Afonso, guardado pela remetente/destinatária como objeto de recordação para si e para toda a família.

Sobre a origem das correspondências, constatou-se que, além da cidade de Pedro Afonso (TO) e Carolina (MA), lugares onde moravam os autores das cartas, aparecem também, Miracema (TO), Tocantinópolis (TO) e Belém (PA). Esse fato se explica pelo constante deslocamento dos autores das mesmas em determinadas épocas. Ele, com mais frequência, por causa de sua profissão, comerciante de mercadorias em um barco a motor que viajava constantemente pelo rio Tocantins, e ela, em visitas e passeios a familiares residentes em outras cidades.

Percebe-se certa formalidade quanto à linguagem utilizada nas cartas. Apesar do tratamento afetivo, prevalece a discrição e seriedade nos diversos assuntos enfocados. Mesmo na condição de namorados e depois, noivos, tratavam-se com frequência por amigo (a) e amiguinho (a), sendo comuns os inúmeros pedidos de desculpas e perdão. O casal fazia referência às fofocas e comentários da comunidade sobre seu namoro. Mas fica bem evidente o respeito entre si e aos familiares de ambos. Uma preocupação constante observada nas cartas, era com a privacidade do que foi escrito, principalmente do lado da moça, pedindo para que ele não mostrasse a carta a ninguém e que a inutilize após a leitura.

Os meios de comunicação utilizados para a troca de correspondência entre eles eram os barcos a motor, os aviões e o telégrafo. Fica visível pelas informações que era muito comum nesse período a constante passagem de aviões nessas cidades, principalmente das empresas, Aerovias Brasil, a FAB (Força Aérea Brasileira) e o CAN (Correio Aéreo Nacional), os mais utilizados para enviar a correspondência. Por exemplo, em uma das cartas do jovem: “Não te escrevi assim que cheguei porque quando voltei de Miracema já havia passado o Aerovias e o Militar...” . “Aguardo resposta pelo próximo avião”.

Os objetivos explícitos e implícitos para o envio das correspondências eram os mais variados: para felicitações por ocasião de aniversários, pelo natal e passagem de ano; para encomendar mercadorias; para tratar de assuntos próprios de enamorados, saudades, ciúmes, curiosidades; ou simplesmente para troca de notícias e “matar” a saudade. Em apenas uma das cartas a política local aparece como assunto do casal, como na referência que faz o jovem sobre a visita do Intendente de Goiás à sua cidade em agosto de 1945, com o seguinte comentário: “No seu discurso fez muitas promessas boas, que se forem levadas a efeito, virá melhorar muito nossa cidadezinha. Mas eu ainda não estou acreditando.” Interessante lembrar

que as diferenças e rivalidades entre o sul e o norte de Goiás antes da divisão do Estado eram marcantes. Nessa conjuntura os moradores da região norte sentiam-se discriminados e explorados, pois a mesma era visitada pelos políticos somente na época das campanhas eleitorais, com a finalidade de angariar votos, e quando a campanha terminava, segundo eles, o norte era novamente esquecido.

O dia a dia em uma cidade à beira do rio Tocantins pode ser observado em diversos comentários sobre, festas, produção local e produtos importados, política, visitas de autoridades, termos regionais etc. Sendo o jovem da correspondência, comerciante e possuidor de um barco a motor, no qual fazia constantes viagens pelo rio Tocantins, era comum, por exemplo, as encomendas de diversos moradores a ele, tendo como mediadora, a sua namorada. Alguns dos produtos mais comuns que aparecem nos pedidos são: remédios, sapatos, meias, tecidos, móveis, e caixotes de tijolos⁶.

Noticias referente a festas religiosas, bailes e carnavais nestas cidades eram constantes. Pelas cartas foi possível perceber que a vida social na cidade de Carolina era bem mais animada que a de Pedro Afonso. Se por um lado, as cartas da jovem da cidade de Carolina sempre descreviam festas animadas como nos exemplos a seguir, “Temos dançado muito ultimamente”; “O Ano Novo aqui começou bem, pois houve baile no dia 31, 1^o e vespéral no dia 2.” Por outro, o jovem deixa transparecer a quietude da cidade de Pedro Afonso em dezembro de 1944, época de muitas comemorações: “Bem, como vai a sua Carolina, sempre animada? Nem queira saber o quanto Pedro Afonso está ruim.” Nas cartas, são constantes as reclamações do namorado sobre a falta de diversões em sua cidade, demonstrando sua decepção com a vida social, como por exemplo, quando afirma que, “O carnaval aqui foi uma verdadeira decepção. A cidade muito desanimada parece que dia a dia mais vai piorando. Aqui tudo velho e parado. Não posso tolerar essa vida de rapaz aqui, estou quase desacostumado do nosso velho Pedro Afonso”.

Fr. José Maria Audrin, dominicano que viveu na região por varias décadas, afirma que os dias de festa eram dias felizes, onde além de saciar a fome, havia a possibilidade do reencontro de parentes e amigos, realização de batizados, crismas e casamentos, e que raramente registravam-se roubos ou crimes, desordens ou escândalos. Com referência às festas religiosas ele ressalta que os cultos eram numerosos e variados, praticados em muitas circunstâncias sem a fiscalização do padre, tornando-se facilmente ocasiões de gestos e práticas um tanto contrários ao bom senso cristão. Mas o mesmo ressalta que “seria injusto e contraproducente querer condenar, de modo absoluto, essas manifestações do sentimento

⁶ Caixote de tijolos é o mesmo que caixa de rapaduras, produto da cana de açúcar.

religioso do povo sertanejo” (AUDRIN, 1963: 126). Segundo ele é preferível certa indulgência por parte da igreja, pois para essa gente do interior, as poucas alegrias são motivadas justamente pelas festas dos seus santos.

A correspondência evidencia também algumas expressões típicas da região e principalmente termos próprios da comunidade ribeirinha, como por exemplo, “Afiml terminamos descendo no Almirante [barco]. A viagem apesar de demorada, foi muito boa”; “vamos baixar amanhã”, ou, “o dia de minha baixada”, “vais *subir* amanhã?”, “não precisa fazer farol” (fazer charme, fazer de rogada). “Subir”, “descer” ou “baixar” são termos muito usados pelas pessoas que moram na beira de um rio, entendidos por todos os ribeirinhos, bastando olhar ou seguir o curso do próprio rio, sem necessidade de explicações.

Nesse período, pode-se constatar que apesar das dificuldades e carências de certos produtos típicos da “modernização” na região, a técnica da fotografia já era comum entre eles, pois aparecem nas cartas diversos comentários sobre o envio de fotografias pelos namorados.

A morosidade, o ritmo lento do tempo, bem como a fragilidade dos meios de comunicação pode ser percebido na escrita do casal. Era comum o extravio de cartas bem como reclamações pela demora das mesmas, como nesse desabafo da senhorita sobre uma carta enviada por avião “... escrita a dezessete e aqui chegou a vinte e cinco, é incrível. Uma carta tão velha para uma distancia tão pequena e em transporte tão rápido?”. Referindo-se ao transporte aéreo. E assim seguia a comunicação entre eles, ora de barco, ora de avião, cada uma em um ritmo próprio, acompanhando as lentas mudanças que ocorriam na região.

Portanto, a análise do conteúdo destas cartas oferece elementos para a compreensão da identidade da população ribeirinha tocantinense, pois mostra aspectos singulares da cultura e cotidiano às margens do rio Tocantins. E, de acordo com Ângela Gomes, esta é

Uma proposta que valora a escrita de si e a escrita de cartas, independentemente do lugar/posição social ocupado pelos correspondentes (embora esse fato não seja irrelevante), trazendo para o centro da análise a documentação dos homens “comuns”, isto é, daqueles novos praticantes da escrita de si que se beneficiaram da difusão do ensino da leitura e da escrita propiciado pelo movimento das Luzes do século XVIII. Nesses casos, seus registros são tratados como uma estratégia eficaz de aproximação das experiências de vida de um tempo e lugar; como indícios da(s) cultura(as) de uma época e de uma certa configuração das relações sociais (GOMES, 2004:20/21).

Referências Bibliográficas

- AUDRIN, José Maria. **Os Sertanejos Que Eu Conheci**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1963.
- GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de Si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- IBGE - **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Vol. XXXVI. Planejamento e orientação de Jurandir Pires Ferreira. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.
- PATERNOSTRO, Júlio. **Viagem ao Tocantins**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.